ANO 1.º — LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 24 DE OUTUBRO DE 1921 — N.º 171

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE
Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO
Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

Em boa verdade, a estranheza dos paizes europeus pelos acontecimentos revolucionarios de Lisboa tem a sua explicação. Em todo o caso, uma pessoa, aqui, olha os jornais estrangeiros e não deixa de ver, logo á primeira vista, a tranquilidade do resto da Europa muito comprometida. E, se não nos podemos absolver das nossas revoluções, e muito menos da mancha sanguinaria que desta vez a caracterizou, podemos considerar, em voz baixa, que se os nossos movimentos duram alguns dias, paizes há, desde o norte da Inglaterra ao extremo do Levante, onde essas revoluções não acabam nunca.

* * *

Saliente-se isto—numa terra em que toda a gente afirma que os politicos são pouco honestos: na noite de 19 para 20 do corrente foram mortos três que só deixaram dividas ás suas familias.

* * *

Num calendario, donde diariamente arrancamos uma folhinha, encontrámos, no dia 19 de Outubro, esta nota: — 1817. São supliciados em Lisboa oito martires da Patria».

A historia repete-se, não ha duvida.

* * *

Cada vez se reconhece mais a necessidade de, nas lutas da imprensa diaria, haver moderação de linguagem e mais respeito pela honestidade dos que trabalham e sofrem.

* * *

A *Gazette de Biarritz*, que acabamos de receber, publica o seguinte telegrama:

«Lisbonne.—Informam-nos de fonte britanica que, em resultado do movimento que triunfou sem derramamento de sangue, se constituiu novo governo sob a presidencia de M. Marcucuela».

Eis o que o telegrafo ou a fantasia de qualquer jornalista fez do nome do sr. Manuel Maria Coelho!

* * *

O ex-imperador Carlos encontra-se ás portas de Budapesth, para conquistar o trono da Hungria.

Vencerá? Se Santo Estevão, que é o patrono dos hungaros, o proteger, talvez ele regresse ao seu exilio, o que é a melhor maneira de ainda poder ser feliz.

* * *

O sr. conde de Sabugosa publicou, em belissima edição da *Portugalia*, um notavel trabalho de historia, intitulado *D. Leonor*. Ocupar-nos-hemos dele largamente, sobretudo porque evoca uma das grandes figuras do nobre Portugal de outras eras.

* * *

Diz-se que uma das razões decisivas que levaram muita gente a participar do ultimo movimento revolucionario foi o desejo de matar de vez a inquietação em que nos debatemos há alguns anos. Bom seria que assim fosse!...

* * *

Há homens que têm a infelicidade de não poder dar relevo ao bem que praticam, correndo a seu respeito só noticias de actos em que não se revela a nobreza do seu caracter. Alguns nomes que, nos ultimos dias, teem aparecido no relato dos acontecimentos acham-se neste caso.

CORAÇÃO DE PORTUGAL

Em silencio, no misterio de tantas magoas que não fazem espectaculo de si proprias, muitissimas lagrimas teem caído pelas ilustres vitimas da ferocidade que se desencadeou na noite tragica de quarta para quinta feira da semana passada

A Patria, mãe comum de nós todos, deve tê-las recolhido no seu sacrario de memorias eternas. A dôr purifica as almas e dá força aos braços dos lutadores. Oxalá que não seja inutilmente que o sentimento português assim se revelou pleno de beleza sagrada!

Ardentemente desejamos que o desastre de Alcacer-Kibir não se repita agora em Portugal, sepultando em irremediavel prostração os animos outrora robustos. Muito convem que os homens fortes, sem alarde nem palavras desnecessarias, exerçam a sua acção patriotica só para lustre do nome português.

Estamos numa hora em que se exige muita serenidade.

Façamos da nossa amargura a disciplina da nosso resgate, dominando impaciencias ou coleras desnecessarias. Saibamoa ser justos, para podermos reprimir os gestos canibalescos dos que não conhecem a justiça.

O movimento revolucionario deu-se. E' um facto demasiado recente, para que a critica o tome á sua conta. O governo que dele saíu tem que defrontar-se desde já com um velhissimo problema—o da ordem que necessita manter implacavelmente, não consentindo o mais leve ataque a pessoas ou a propriedades. As dificuldades que o oprimem deve resolvê-las, visto que se propôs iniciar novos fastos na vida da Republica.

Os portugueses que as más paixões não perturbem farão mal, mesmo muito mal, se espalharem cisanias, só por espirito de vingança. As boas vontades hão de apoiar todas as iniciativas e medidas que sejam de utilidade para o povo.

Que ninguem queira desvairar a opinião com juizos e boatos sem fundamento.

Sabemos que na marinha, assim como na guarda republicana, lavra a mais clara e sincera indignação contra os monstruosos crimes que ceifaram a vida aos preclaros cidadãos Antonio Granjo, Machado Santos, Carlos da Maia e Freitas da Silva. Não existe solidariedade de qualquer especie, entre estas corporações e as feras que se regosijaram com o derramamento de precioso sangue inocente.

Não haja confusões, portanto. A mais elementar justiça não permite que o odio desfigure a imagem pura da Verdade que ainda nos pode salvar.

DR. ANTONIO GRANJO

O antigo edificio das Subsistencias, em S. Roque, que há de sempre ser «as subsistencias»—está convertido em quartel. No vestibulo é a camarata da soldadesca e pelos pavimentos sonambulam os continuos das duas repartições de Finanças e de Comercio ali instaladas. Todas as outras foram encerradas, não sabemos se por utilidade publica.

* * *

Apesar de o sr. Presidente da Republica estar resolvido a resignar, movem-se pessoas de valimento, a fim de impedir que Sua Ex.ª leve a termo tal decisão.

* * *

Pensa-se abrir uma subscrição entre portugueses, para reunir a quantia suficiente que assegure uma pensão bastante ás familias de Antonio Granjo, Machado Santos, Carlos da Maia e Freitas da Silva.

* * *

Houve quem quizesse instalar José Julio da Costa que, além de demente, está tuberculoso, no chalet que o sr. dr. Afonso Costa possue na Serra da Estrela. A pessoa sondada a tal respeito fez logo compreender aos peticionarios que isso não seria possivel, por ponderosissimas razões.

* * *

O sr. Pais Abranches, ao saber que o director do Asilo de Mendicidade voltara ao exercicio do seu cargo, não obstante ter em curso uma sindicancia, enviou um oficio ao sr. ministro do Trabalho, pedindo a demissão de director da Assistencia Publica. Durante nove meses não recebeu nem um centavo de honorarios.

* * *

Dizem-nos que o sr. Francisco Antonio Correia estuda com afinco os problemas da sua pasta, tratando de evitar qualquer sobresalto de ordem financeira.

* * *

Todo o comercio do centro da cidade encerrou as suas portas, como sinal de luto pelo enterro do dr. Antonio Granjo. Houve mesmo estabelecimentos que não reabriram, até á noite. Os ministerios mandaram sair o seu pessoal.

* * *

Entre os estadistas que mais trabalharam pelo regresso dos marinheiros deportados em Africa, destaca-se o dr. Antonio Granjo.

* * *

Em Monchique, sentiu-se ontem, pouco depois do meio dia, um forte abalo de terra que durou cerca de dez segundos. O de Lisboa prolongou-se por muito mais tempo.

* * *

Parte hoje para a sua casa do Alcaide o sr. Cunha Leal. Pode-se dizer, sem qualquer sombra de exagero, que o acompanha todo o reconhecimento heroico da raça lusiada—a de Camões.

* * *

Diz-se que o sr. presidente da Republica resignará as suas funções dentro de 48 horas.

SPORT

Os desafios de ontem—Casa Pia bate o Club Internacional por 2 a 0—Sporting vence o Imperio por 3 a 1

No campo das Laranjeiras disputou-se ontem a 2.ª eliminatoria da Taça Associação, principiando os desafios ás 13, pelo encontro do Casa Pia contra o Internacional.

Vitor Gonçalves, que substitue Artur na arbitragem, dá inicio ao desafio. As avançadas começam a executar-se num e noutro campo com bastante energia e rapidez, principalmente pelo Internacional, que consegue por vezes desorientar o Casa Pia. Porém, este reage e dá bastante que fazer a Guimarães e aos 2 defesas. O publico, que está gostando do jogo dos rapazes das Laranjeiras, anima-os com palmas e outras demonstrações de alegria. Parece-nos de bem presagio esta atitude do publico para o glorioso Internacional que procura marcar; Guerra despacha rapido as bolas que lhe vão ás mãos. Entretanto o fim da primeira parte aproxima-se e nenhum dos teams consegue marcar «goals».

A 2.ª parte continúa durante algum tempo como a primeira, mas por fim o Internacional fraqueja, e é dominado. A bola poucas vezes sai do seu campo mas a sua defesa é de uma energia extraordinaria. Guimarães, principalmente, defende de toda as formas o ataque.

Oliveira troca o lugar com Rosmaninho e dá assim alma ao seu ataque.

Faltam dez minutos e todos calculam mais meia hora de jogo, embora o Casa Pia esteja dominando o seu adversario. Mas uma deslocação (a nosso ver) dá aos casapianos um ponto, seguido pouco depois de outro. O Casa Pia consegue assim a vitoria por 2 a 0.

No conjunto, o desafio foi razoavel. Os jogadores do Internacional todos bem, especializando Guimarães e Galvão.

A arbitragem de Victor foi imparcial.

Sporting contra Imperio

São 15 e 10, o Sporting, seguido pouco depois pelo Imperio entra no campo. Ouvem-se palmas. Ha um certo nervosismo no publico que se aglomera em volta do rectangulo em grande numero.

O juiz não aparece. Os capitães dos «teams» põem-se á procura de um. Ao fim de alguns minutos, conseguem convencer o Alberto Rio a sair do seu logar de espectador, para empunhar o apito de juiz.

Escolhidos os campos, os grupos alinham-se e preparam-se para a luta. Na linha do Imperio vem Manuel Arsenio.

O desafio principia e nós fixamos nele a nossa atenção, pois tambem como todas as pessoas presentes, esperámos com interesse o seu inicio.

A linha avançada do Imperio trabalha, e por vezes com boa combinação e conseguem o primeiro e unico ponto. Poucos minutos após o começo do desafio, o Sporting invade por seu turno o campo do Imperio com impetuosidade. A defesa está atenta e a bola vai girando de um para o outro campo rapidamente; o desafio está sendo um pouco em força, em vez de associação. A linha de ataque dos leões faz uma avançada em forma. Junto dos postes estabelece-se uma batalha de pontapés, a bola anda de um lado para outro e vai á cabeça de Jaime, que remata bem, sem evitar no entanto que ela entre. O apito sôa e uma grande penalidade dá o 1.º ponto ao Sporting. O desafio está agora menos pesado. Ambos os grupos trabalham para o desempate; Leandro tem uma boa fugida e marca o 2.º ponto para o Sporting; pouco depois Jaime o 3.º e ultimo; a primeira parte termina por *3 a 1*.

Na 2.ª parte o Sporting domina mais, mas remata mal, o tempo passa e nenhum dos «teams» consegue mais pontos.

Os jogadores do Imperio estão cansados, tornando mais facil o ataque dos leões. Arsenio, embora um pouco nervoso das chufas que lhe dirigem uns cavalheiros postados por traz da sua rede, vai defendendo bem, num ataque pela esquerda. Os leões aproximam-se. Leandro corre e marca o 4.º goal. O juiz não valida, porque considera o jogador que o marcou deslocado.

E' um erro, porque o jogador quando recebe a bola do jogador que vai na frente dele está dentro das leis do Foot-Ball. No entanto, o desafio termina sem alteração, por 3-a-1.

O desafio foi fraco em associação mas forte em energia.

A arbitragem de Rio foi imparcial.

Aguia Foot-Ball Club

Realizou-se ontem um desafio em Sintra entre o Aguia Foot-Ball Club e o União Sintrense, ganhando o Aguia por 2-a-8.

A FOME EM BUDAPEST

UMA CASA DE TRATAMENTO PARA SUICIDAS

A miseria, causa primordial de centenas de desesperos

Em torno de Tolstoï agrupava-se a nocidade desejosa de ouvir a palavra do grande mestre. Entre os que procuraram escutá-lo encontrou-se Robert Feinsilber, de Budapest. Havia então junto de Tolstoï, quarenta estudantes, vinte e seis dos quais haviam escapado do suicidio. Robert Feinsilber ficou profundamente impressionado com o espectaculo daquele grupo de desesperados da vida e de volta para Budapest pensou em fundar uma casa onde os desgraçados, candidatos ao suicidio, encontrassem a saude de alma que tinham perdido.

Encontrou para o ajudar nessa missão sagrada seis colaboradores, homens e mulheres, que trabalham sem retribuição de qualquer especie. Fundaram-se varias casas.

Uma dessas casas é chamada *Tio Roberto*. E' destinada a recolher as crianças, filhos de suicidas, ou que pelas suas desgraçadas condições de vida se encontram predispostos a embriagar-se de desespero, e a assimilá-lo por forma que a morte seja para eles o descanso mais natural

As crianças encontram nessa casa tudo de que precisam. Os filhos dos principes não são mais acarinhados do que eles.

As estatisticas acusam um aumento de tentativas de suicidio verdadeiramente apavorante. Em 1916, 250 suicidios; em 1917, 460; em 1918, 730; em 1919, 996; em 1920, 1607. Nos primeiros oito meses deste ano já a lista contava 1220 nomes.

Nos dois ultimos anos 20 0|0 destes infelizes conseguiram o seu intento; 20 0|0 não permitiram que a instituição se metesse na sua vida; 60 0|0 aceitaram o auxilio do *Tio Roberto*. Deste ultimos, 40 0|0 eram homens, 60 0|0 eram mulheres.

A idade dos suicidas varía entre a infancia e a velhice; ha casos de suicidio aos nove anos como os ha aos noventa. Aqui se percorre a escala de todas as dores humanas.

A maior parte das tentativas de suicidio, 60 0|0, é devida á miseria; depois veem as dificuldades de dinheiro, 10 0|0, depois as razões de coração, 8 0|0, quasi sempre em raparigas de boa familia. Só 4 0|0 são devidas á doença, e 10 0|0 ao desiquilibrio de nervos provocado pela guerra.

O maior numero de suicidios encontra-se nas familias da classe média e da intelectual; os operarios que viram os ordenados aumentar á proporção do aumento da carestia da vida, vivem bem. Mas a classe média, cujos rendimentos aumentaram 3 ou 5 vezes, ao passo que o preço da vida aumentou cerca de oitenta e duas, lutam com a maior miseria. E' a estes principalmente que o *tio Roberto* tem de socorrer.

Aparecem casos romanticos e pungentes:

A mulher do antigo secretario de ministros é obrigada a viver com 1:300 corôas, a pensão do marido, divididos ainda com um filho adoptivo. Ela é nova e o marido tem 73 anos. Poz um lenço na cabeça, pegou no violino e foi correr os bairros afastados, onde ninguem a conheceu, e onde foi ganhando com que ia amparando a familia. Mas o fato estragou-se, esfarrapou-se, e a fadiga fisica e moral—que dificuldades e angustias para uma mulher, um tal emprego!—levaram-na a procurar a morte. Salvaram-na ainda. O *Tio Roberto* deu-lhe fatos novos, pagou-lhe a renda da casa e arranjou-lhe lições de violino.

Uma mulher, mãe de treze filhos, esperava, havia meses, o marido que se encontrava preso na Siberia. Vai esperá-lo á *gare*; chegou. Ha um desastre e ele morre debaixo do comboio. A pobre mulher tenta segui-lo.

O Instituto, porém, não se limita a remediar males; procura preveni-los. Cartas de desconhecidos, gente estranha, dá a noticia de que em tal rua ha um caso de miseria que pode dar resultados fatais. Então o Instituto dá imediatamente as providencias necessarias.

Assim foi dada a noticia de certa baronesa que vendera até a roupa, que já não saía por estar coberta de farrapos e a quem os vizinhos, por prudencia, haviam fechado as torneiras que levavam o gás á sua casa, temendo qualquer acto de desespero.

Assim tambem foi dada a noticia dum escritor que tinha por unica mobilia o colchão onde jazia a mulher, tuberculosa. Deitado no chão, á luz duma vela, ainda tentava arrancar da ideia alguma historia que lhe desse um bocado de pão. O Instituto estava sem dinheiro havia semanas; mas encontrou moveis, provisões, roupa e um cheque de 10 dollars para o escritor.

Não fica ainda por aqui a obra do *Tio Roberto*. Organizou no centro da cidade uma casa para remendar os fatos velhos de todos os desgraçados que lá fossem leval-os. Foram empregadas 300.000 corôas em confeccionar fatos de lona para senhora e casacos duma fazenda grossa para homens.

Vai estabelecer agora uma oficina de trabalhos em cartão onde, por uma meia hora de trabalho, qualquer tem direito a uma refeição. Nestes trabalhos são ocupados os desgraçados candidatos ao suicidio, que ainda não estão completamente curados. A policia ajuda o Instituto a fim de que este não seja explorado pelos que não têm precisão do seu auxilio.

Quem é o director, o presidente, o chefe, desta maravilhosa instituição, unica no mundo, aquela que maior numero de dores evita e alivia? Ninguem. Não tem uma cabeça que a guie.

Juntaram-se algumas creaturas para combaterem a dôr, e é tal a força do sentimento que as une, que todas, compenetradas da missão santissima que tomaram sobre seus ombros, sabem mandar e obedecer ao mesmo tempo. Se em toda a parte houvesse um *Tio Roberto*, a revolução seria uma fantasmagoria que nunca chegaria a surgir no espirito alucinado dos que sofrem impotentemente. Foram os suicidas que rodeavam Tolstoï que deram origem ao Instituto do Tio Roberto, mas foram eles tambem que deram voz a Tolstoï e a todos aqueles que com a sua revolta contribuiram para o cáos da Russia, a maior montanha de dôr e de miseria que jamais se levantou entre os homens.

Notas Mundanas

Veraneios mundanos

No Estoril

Encerra-se definitivamente depois de ámanhã, no escritorio das termas do Estoril, a inscrição para o grande campeonato de espada que ainda este mês se efectua no «hall» daquele estabelecimento balnear.

Na lista de inscrição figuram já os nossos primeiros atiradores, o que tornará este torneio deveras interessante.

Os principais organizadores desta elegante festa são, da parte sportiva, o distinto professor de esgrima sr. Carlos Gonçalves, e da parte mundana, o director da Sociedade Estoril sr. dr. Francisco Pais de Sande e Castro.

Em viagem

Regressou hoje do Estoril o sr. Licinio de Sá Pereira.

—Regressa brevemente do Monte Estoril, com sua esposa, o sr. dr. Carlos de Melo.

—Acompanhado de sua familia, regressou hoje do Monte Estoril o sr. dr. Arlindo Correia Leite.

—Com sua gentil filha, regressam brevemente de Sintra os srs. condes de Mesquitela.

—Encontra-se em Guimarães o sr. conde de Margaride.

Casamentos

Em Vilar de Cima (Ferreira do Zezere), realizou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Amelia de Jesus Martins com o sr. Francisco da Costa Mouga. Testemunharam o acto as sr.as D. Maria da Piedade Martins e D. Palmira da Conceição Mouga e os srs. Manuel Martins e Antonio da Silva Mouga.

— Na igreja paroquial de S. Pedro em Alcantara realizou-se o casamento da sr.ª D. Alice Augusta Adriano, gentil filha da sr.ª D. Maria Augusta Adriano e do sr. João Adriano, funcionario publico, com o sr. Alfredo Joaquim do Nascimento Ferreira, estimado oficial da marinha mercante, filho da sr.ª D. Berta Ferreira do Nascimento e do sr. Joaquim Augusto do Nascimento, oficial do exercito já falecido.

Foram testemunhas por parte da noiva a sr.ª D. Alice Cordeiro Guimarães, e o sr. José da Costa Guimarães, administrador geral das roças da Praia das Conchas em S. Tomé, e por parte do noivo, a sr.ª D. Luiza do Nascimento e o capitão de fragata sr. Alberto Coriolano da Costa.

A cerimonia religiosa foi bastante concorrida, finda a qual o sr. dr. Pinheiro Marques, prior da freguesia, fez uma brilhante alocução aos noivos.

Em seguida realizou-se em casa dos pais da noivo a ceremonia civil, sendo servido depois aos convidados um delicado copo d'agua, indo os noivos passar a lua de mel para Cintra.

Na *corbeille* da noiva viam-se ricas e valiosas prendas, algumas das quais de fino gosto e valor artistico.

Exame

Fez exame de 2.º grau na passada sexta-feira a menina Maria Luiza Cohen Sarmento, encantadora filhinha do brilhante jornalista e nosso querido colaborador, sr. José Sarmento.

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

TEATRO CHIADO TERRASSE
COMPANHIA LUZ VELOSO
QUINTA-FEIRA, 27
INAUGURAÇÃO DA EPOCA
1.ª representação da celebre peça italiana em 3 actos de Sabatino Lopes, tradução de Mario Duarte
MARIO E MARIA
Os principais papeis por *Luz Veloso, Teodoro Santos* e *Rafael Gomes*.
Bilhetes á venda.

Bruxelas & Bruxelas
Tailleurs-couturiers
Chegados de Paris, mostram desde já a sua colecção de modelos: Robes de ville, Robes tailleur, Capas, Manteaux, etc.
65, R. da Emenda
TELEF. C. 1266

NACIONAL NA ACTUAL SEMANA
Inauguração da epoca e 1.ª recita de assinatura
D. Afonso VI
Bilhetes á venda

A'MANHÃ ✦ ✦ COLISEU DOS RECREIOS ✦ Ás 8 e ás 10 da noite
Reaparição da sensacional revista TIC-TAC completamente remodelada
Estreia dos "clowns" RICO E ALEX (portuguezes)

Uma heroina de Pierre Wolff sem marido e sem amante

O segundo espectaculo de barulho será no "Vaudeville"—Uma rapariga ou uma peça original?—A desordem em casa do autor—Uma mudança é um inferno—Como se chama a peça?

Pierre Wolff muda-se. Nos tempos que correm é uma resolução de suceseso. Quem está mal fica onde está, porque não encontra melhor nem peor. A crise é cada vez mais aguda. Mas quem tem dinheiro para comprar um palacete pode tomar posse do seu «achado». E' o caso.

Ontem, pouco depois das oito da manhã, a casa do dramaturgo estava em desordem, de pernas para o ar. Parecia uma oficina de embalagem. Emquanto os homens do «métier» pregavam caixas e caixotes, as criadas enrolavam tapeçarias, desprendiam quadros e, cautelosamente, enchiam cestos e malas de vêrga com um numero infinito de «bibelots», de varios «souvenirs» de bronze, de marfim, um nunca mais acabar de coisinhas indiscriptiveis.

No antigo gabinete de trabalho, onde vi escrever algumas scenas da ultima peça representada no Vaudeville, Pierre Wolff, já sem paciencia, folheava o livro dos telefones procurando o numero do sr. X... Depois de muito procurar, conseguiu a comunicação. E ouvi: «...lá para o dia 20 já devo ter a minha nova casa um pouco em ordem... imagine, meu amigo, três semanas perdidas... «ma vie gachée», agora que tenho tanto que fazer... ensaio todos os dias, sim, todos os dias, de manhã, de tarde e de noite... irei viver para um hotel emquanto durar a mudança... Bom, esteja descansado e conte com esta casa no dia 20 o mais tardar... Adeus».

«Desculpe — diz-me o antigo presidente da Sociedade da *rue* Henner — já conversamos. Como vê, não faço cerimonia comsigo, nem merece a pena».

Transmite algumas ordens á dactilografa, que stenografa com uma rapidez incalculavel, tenta encontrar uns papeis de que precisa mas... desiste. Agora não há possibilidade de descobrir uma fôlha de papel de carta. «Uma mudança é um inferno».

—Deve ter saudades deste gabinete.

«Estive aqui 16 anos... O tempo mais que bastante para grandes recordações. Levo saudades...

Mas a casa, desnudada das suas preciosidades, já não parece a mesma. Entristeceu. E agora só há uma coisa que recorda o ambiente deste «atelier», onde o mestre trabalhou as suas obras de arte: é a «vitrine» das bonecas de cêra. Ainda aqui estão as lindas bonecas de cêra, digo, as heroínas das peças de Pierre Wolff, vestidas tal como foram vestidas pelas actrizes, ainda aqui estão. Devem ser transportadas com muito geito e muito carinho. O dramturgo tem-lhes grande amor. Para mim, esta colecção é unica no genero e realiza em absoluto uma idéa; para o dono, tem o mais alto valor estimativo. E' um dos mimos da sua simpatia. Estas bonecas são estrelas de inspiração, olhando sempre para ele emquanto ele fabrica... mais uma companheira.

Pierre Wolff, que nunca se levanta depois das sete, está pronto para sair. Não é costume. De manhã, trabalha sempre até quasi ás onze, embrulhado no seu roupão de veludo, acolchoado de «molleton» e com a roda de uma capa cardinalicia. Hoje, tudo se explica.

«Está então admirado desta balburdia?» disse-me. «Leio na sua cara...»

—E' verdade que sim, mestre. Há dias, nada indicava a sua fuga da *rue* d'Aumale.

«O inferno... começou ontem. Ensaio no teatro e mutação em casa...»

—Vamos ter outra peça com 250 representações sem descanso?

«A minha peça, ou antes, esta minha nova peça, foge á regra geral».

—Não se fala em amor?

«Fala-se do primeiro ao ultimo acto. Este problema ainda não está esgotado e vejo mil maneiras de o transportar á scena sem se cair na doutrina de todos os dias, quando se trata de amor quente e violento...»

—Creio que percebi... Não há adulterio.

«Exactamente... «pas de cœur».

—Temos, portanto, uma esposa sem amante?

«Perdão, perdão. Temos uma mulher sem marido nem amante».

Olhei para Pierre Wolff, com os olhos muito abertos, numa expressão de quem ficou muito intrigado. O mestre percebeu o meu espanto e para me «bouleverser» ainda mais, concluiu:

«Portanto, não há marido nem adulterio, não há amante e... não há beijos».

—Bravo! Desta vez temos a personificação da moralidade?

«O publico dirá».

—O publico e a critica...

«Essa não me assusta. A critica... Fale-me dos artistas e dos espectadores, mas não me fale dos criticos. Gosto de perder tempo com coisas uteis e honestas, percebe?»

—E' a opinião de Bataille e de Kistemaeckers...

«E' a minha opinião».

Numa terra onde escrevem eruditos como Antoine e Adolphe Brisson, os autores dramaticos falam assim, e sempre com desassombro. Ainda não encontrei um que me pedisse segredo sobre a pancada de lingua com que fere os jornais e os cronistas. Mas será este o parecer de todos os dramaturgos? Evidentemente que não. Os que são autores e criticos, como Capus, de Flers, Edmond See, Charles Méré e outros — há tantos! — já não gritam assim. Serão apenas os consagrados que verdascam a critica dramatica? Louis Verneuil, um caloiro dos autores dramaticos, tambem não oferece o seu respeito aos folhetinistas teatrais. Sente-se escorado por Sarah Bernhardt? E' certo. Mas este facto não basta para ganhar a opinião publica, para vencer.

Voltemos á entrevista. Já conheço detalhes que as folhas parisienses ainda não ensinaram e vamos a ver se posso arrancar mais alguma coisa para corresponder á curiosidade dos leitores do *Diario de Lisboa*. Lanço uma nova pregunta:

—Então qual é a linda parisiense que vai interpretar a sua «excentrica» heroina?

«Não lhe chame «excentrica». E' mesmo uma rapariga bem normal.

—Caixeirinha, dactilografa ou...

«E' academica... cursa medicina».

—Essa profissão quer dizer qualquer coisa, hein?

«Talvez sim».

O feliz autor de *Les ailes brisées* repara que já falou bastante e não querendo desvendar todo o segredo da sua obra, interroga: «Mas vamos a saber: V. quer que lhe conte a historia da minha peça? Não pode ser.

—Só mais umas palavrinhas...

«Para um jornal não u vedade? Já lhe disse o bastante para um artigo de novidade. Contente-se com o que sabe. Escapei das unhas de Paris para cair nas garras de Lisboa?!

—Muito bem... Não se zangue...

«De que servia zangar-me? O mal está feito e V. já sabe o melhor. Tem polvora para um tiro.

—A sua *première* será portanto o segundo espectaculo de barulho? Depois de Kistemaeckers... Wolff!

«Conto com a primeira semana de Novembro.

Cinco ou seis semanas para ensaiar uma peça, havendo dias com três ensaios?! que os nossos artistas ponham aqui os seus olhos. Cá temos outro autor com a pretenão de levar a sua obra á scena, absolutamente afinada e sem ponto. E consegue. Os seus interpretes foram escolhidos como sempre, quando o autor tem influencia para dizer: «que é uma mulher de fama: mademoiselle Franc'ne. O nome desta famosa actriz é a garantia dum desempenho acertado.

* * *

Na rua, entre a multidão que corre para as lojas e escritorios, a mesma que se vê todos os dias e á mesma hora, sempre apressada e de bom humor, dei por uma falta imperdoavel: Então o nome da peça, como se chama a drama? Esqueci á pregunta. E agora? O telefone é o remedio.

—*Allô! Allô! Mademoiselle, Guttenberg 04-27*.

Obtenho a comunicação mas... Pierre Wolff já saiu. Mando ligar para a Sociedade, depois para o Vaudeville. Não está.

Resolvo dar um salto ao teatro. Vou até ao palco sem dar cavaco a ninguem. O pessoal desarma a scena de *Peg de mon coeur*, a peça americana de todas as noites. Noto que vai armar um salão.

—Preparativos para o ensaio da peça de Pierre Wolff não é verdade?

«Dizem que é dele», responde um carpinteiro.

—E', com certeza; e chama-se... esquece-me o nome.

Uma voz: *Le chemin de la marque*.

Será?

Paris, 9 de Outubro.

CARLOS ALBERTO FERREIRA

Toda a correspondencia relativa a anuncios, assinantes e agentes deve ser dirigida á rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria deste jornal, onde se encontram já instalados todos os serviços de administração.

Laboratorios de Famarcia
Instituto Pasteur de Lisboa
Staphylina
Comprimidos de estanho chimicamente puro
Tratamento de todas as doenças devidas ao staphylococco:
Furunculose — Anthraz — upurSações antigas, etc.
FARMACIAS
LISBOA — Rua Nova do Almada, 88
PORTO — Rua dos Clerigos, 36

Todas as questões, de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

CAFÉ MALTE VATEL
DE CEVADA GERMINADA
Muito recomendado ás pessoas nervosas por não ter cafeina
Não confundir com o café de cevada vulgar

DINHEIRO
Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções.
Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores
n'A COMERCIAL
18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)
TELEFONE C. 3:992

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 25:

Reza-se de S. Crisanto, martir. Simplex. Paramentos vermelhos. Na missa, 2.ª oração «ad cunctis», 3.ª «ad liberum».

—Lausperene na igreja do Socorro, por devoção do sr. conde de Figueira.

—Festividades:

Sé, ás 11 horas, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8-30, missa.

Socorro, ás 11, missa da Paz; ás 17-30, terço de bemditos, por musica.

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

A PRESTAÇÕES
Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á A Electro-Quimica, Lda. — Rua Douradores, 29, 3.º

TODOS
os fumadores encontram as suas marcas predilectas na
Tabacaria Serras

NUNO RANGEL SANTOS

FALECEU

Sua mãe, seu irmão e cunhada, seus tios e padrinhos participam ás pessoas das suas relações que foi Deus servido chamar á sua divina presença o seu muito querido filho, irmão, cunhado, sobrinho e afilhado e que o seu funeral se realiza ámanhã, 25, pelas 3 horas da tarde, saindo o prestito funebre da Avenida da Liberdade, 11 r|c., esquerdo, para o cemiterio Ocidental.

Professor de Matematica e Fisica
Cursos superiores. Liceu, todas as classes
Informações na direcção dêste jornal

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

O silencio quebrado

Lisboa dorme em sobressalto e anda um pesadelo a velar-lhe o sono. Vai um grande silencio pela cidade—um silencio cujas garantias ainda não foram suspensas, porque é o silencio uma das poucas coisas que se pode gabar de ter os mesmos privilegios que lhe foram outorgados pela Constituição do Criador.

Lisboa dorme e anda alguem a rondar-lhe a porta. Tambem as ovelhas dormem confiadas no seu redil, sob a guarda do pastor, e os lobos vêm de noite e comem as ovelhas. E a cidade, á hora em que meus olhos procuram adivinhar na sombra o latejar das suas veias, não é mais do que o descampado, a planicie imensa, onde se ouve apenas o coaxar das rãs em poças de agua que não têm dois palmos de altura.

Lisboa dorme e o silencio paira á superficie das coisas. Dir-se-hia um silencio metalico, um silencio de aço, todo feito pelas baionetas dos soldados. Recolhe-se o pensamento á torre de marfim deste silencio e a pena vai correndo lentamente no papel. Ouço apenas o ruido nervoso dos seus bicos a alastrarem a mancha negra das palavras. E é com a alegria de quem vai cumprindo a sua tarefa que ela chega ao final de cada periodo. Mas se a ideia suspende o seu curso, se o embolo pára a meio de cada rotação desta engrenagem que é a alma do pensamento, a pena dá-me a impressão nitida de que sentiu a dôr de não escrever, a dôr de não poder cumprir a missão de que a incumbiram na papelaria onde a comprei.

Lisboa dorme e aparece-lhe em sonhos uma visão fantasmagórica—arrancada ao livro de Dante, com gravuras de Gustavo Doré. Em que circulo estaremos nós? Já descemos tanta escada, ja vimos tanta coisa que os nossos olhos não quereriam ver, já percorremos tamanha distancia sobre as pedras do caminho... Ainda falta muito, Mestre? Olha que os pés já deitam sangue de tão longa caminhada.

Lisboa dorme o sono inquieto da inquieta madrugada e anda um passaro negro a voar em torno da cidade. Têm um brilho extranho, metalico, avermelhado as penas das suas azas. Sente-se o arfar do peitô no longo hausto de volupia que lhe percorre as veias.

E a cidade dorme em sobressalto e eu confesso que ia agora mesmo dormir. Mas vejam os senhores a ironia do Destino: quando começava a conciliar o sono, depois de ter sossegado o espirito, lembrou-se aquela gentil menina do terceiro andar de me fazer sentir as notas de uma canção espanhola que fez a sua epoca em Lisboa...

Para que servirão os pianos, bom Deus?

NORBERTO LOPES

TEATRO DO GIMNASIO
Companhia ALVES DA CUNHA
HOJE
A mais alegre das peças
O CELEBRE PINA
GRAÇA INCOMPARAVEL
AINDA NO CORRENTE MEZ
1.ª recita d'assinatura com a nova peça
tradução de JOÃO SOLER
MARIDOS ENCRAVADOS

AS VICTIMAS DA REVOLUÇÃO

REALIZOU-SE HOJE O FUNERAL DO SR. DR. ANTONIO GRANJO

Na camara ardente—A visita do sr. Presidente da Republica—Uma frase da viuva

O enterro do sr. dr. Antonio Granjo que se realizou esta manhã, ás 12, com o comercio fechado e com muita gente de *frack*, sobraçando flores, foi uma bela manifestação de saudade.

A's 11 horas, na rua João Crisostomo, ao fundo, em frente dum predio branco, de três andares, viam-se alguns policias e meia duzia de iimpassiveis guardas republicanos. Gente pelas janelas, garotos á entrada, os primeiros automoveis em linha, junto á valeta.

A porta do segundo andar está aberta. Na primeira sala, que é para os amigos, conversamos alguns momentos com um oficial que privou de perto com o sr. dr. Antonio Granjo.

—Toda a gente conhece a sua vida politica; 11 anos de luta... Quando da primeira incursão monarquica foi de Vinhais a Chaves, a pé, com um grupo de voluntarios da terra.

Entra o sr. general Correia Barreto que apresenta as suas condolencias em seu nome pessoal e tambem. apezar de não estar autorizado, em nome do Directorio do P. R. P.

—Não sei aonde eles param... Estão consternados, compreende-se...

E o oficial que privou de perto com o malogrado Granjo, tem três frases de admiração, relembrando aquela Flandres, evocada na *Grande Aventura*...

—Quando cheguei ás trincheiras não calcula o carinho e dedicação que ele teve comigo... Era mais um para defender a Patria.

O sr. Antonio Mantas entra amparado, chorando; cabelos desfeitos e tem um ataque de chôro, junto ao caixão.

A camara ardente está adornada muito singelamente. Paira ali um discreto espirito religioso, Ao meio, em cima duma secretária, a urna de mogno, cingida por uma bandeira nacional, ofertada por um centro qualquer. Em monte, a subir, a subir sempre, ramos de flôres, corôas... Uma de Carlos Babo, com uma expressiva dedicatoria literaria; outra dos três irmãos Lelo Portela; do Directorio do P. R. L.; mais dos amigos.

Ha muitos crisantemos amarelos e brancos, roxos e raiados de sangue. São flores de sepulcro, de petalas gelidas, funerarias. A um canto, num desvão de uma janela, muito longe da urna, uma corôa da G. N. R.; em cima de uma estante, tambem muito longe, outra do governo, de fitas pretas. Não ha turnos. A sala, de estuque côr de rosa, duas ou três misulas nas paredes e com um pedacito de sol a entrar por uma janela entre-aberta, é clara, quase alegre, não lembra a morte, antes um jardim.

Ali ao meio, um cadaver, que ainda espalha a bondade da sua alma, a sua alegria, toda sol, toda luz, daquela luz e daquele sol que anda lá fóra nestes belos dias de outono moribundo.

O sr. Antonio Mantas vai agora cumprimentar a viuva. Tolhem-lhe o passo, mas ele persiste; abre uma porta... Ouvem-se uns gritos dolorosos, lancinantes, tragicos. A porta torna-se outra vez a abrir e surge, amparada pelo braço do sr. Antonio Mantas, a viuva. O seu corpo robusto, quebra-se num paroxismo de dôr alucinante. Sonambula, cabelos soltos, lagrimas a arder na face, ela vai junto do caixão e diz, beijando-o:

—Quem te podia salvar das feras não quis, quem queria não poude!

E é tudo? E'. Todos choram; e a viuva, amparada, afasta-se, aos gritos, cada vez mais altos, mais tragicos.

Pela porta da rua entra agora uma fila continua, ininterrupta de gente. São os centros partidarios, os amigos, os deputados e senadores do partido. Há um *chauffeur* que se senta nos degraus da escada e arrepanha as mãos, e uma mulhersita de chale, talvez uma protegida, que traz dois crisantemos regados de lagrimas. Deixam-na passar.

Ao meio dia, sente-se em baixo um ronco de automovel, mais forte. Logo uma noticia corre: chegou o sr. Presidente da Republica. Vão-no receber. Ele só diz:

—Como passaram, como passaram.

Na camara ardente, quando o chefe do Estado entra, os soluços são mais fortes e as lagrimas mais desesperadas. Ha cumprimentos.

A casa já está cheia; nota-se confusão, muito calor.

— Vão andando, fazem favor... Então?

O sr. dr. Antonio José de Almeida não pode falar. Oferecem-lhe uma cadeira, que ele repele com uma certa dureza. A mão, enluvada de preto, passa a miudo nos olhos, secando talvez uma lagrima. Depois, fica um grande bocado, de fronte inclinada, insensivel á gente que passa. O sr. Henrique de Vasconcelos, de chapeu alto na mão, entra diplomaticamente e não repara no chefe do Estado. Em remoinho a multidão agita-se. O sr. Vasconcelos e Sá, o sr. Zacarias Gomes Lima, o sr. Ferreira Mira perpassam.

E ha mais gente, muito mais gente. Pelo partido reconstituinte, o sr. dr. Julio Dantas. Alguns oficiais da guarda. Desfilam os amigos do dr. Antonio Granjo, os centros do partido liberal. Cunha Leal e Agatão Lança, paladinos da honra e do dever, são recebidos com muito carinho. O antigo ministro das finanças traz ao pescoço uma *bandage* cinzenta, tapando os ferimentos; o outro, o oficial de marinha, á paisana. O sr. Vicente Ferreira, em nome do governo transacto, abraça Agatão Lança. E quando uma vaga de gente o afasta do sr. presidente da Republica, diz:

—Não, não; deixem-me estar ao pé dele. Acompanho-o até ao fim.

Lá dentro, ao fundo da casa, ouvem-se ainda os gritos da viuva, despedaçantes, horrorosos. Ergue-se agora o caixão que é transportado até á rua pelos amigos do dr. Antonio Granjo e deposto na carreta de mão que a Voz do Operario ofereceu. O chefe do Estado ajuda um pouco; o sr. Derouet e o sr. Mayer Garção, os dois pelo jornal *A Manhã*, transportam algumas corôas. O *Republica* tem lá o seu chefe de redacção.

Quando saíu a urna, a esposa do sr. dr. Antonio Granjo foi acometida dum violento ataque nervoso. Só se ouviam gritos cortantes, tão altos que cobriam o rumor dos passos.

Na rua, muita gente pelos passeios. O presidente do ministerio e alguns ministros conversam, á sombra, com alguns oficiais da guarda republicana. Não se aproximam da carreta. O sr. presidente da Republica é um dos que ajuda a colocar a bandeira nacional sobre a urna.

— Agora as corôas...

— Vai a do governo...

— Não, não! A do Directorio; as outras na mão.

O cortejo funebre põe-se em marcha precedido dum estandarte: a escola Antonio Granjo; depois a carreta, os amigos, o ministerio; na cauda, os automoveis e os trens. A rua está cheia de sol e de gente, toda descoberta. O silencio alarga-se e as almas teem uma saudade maior.

O cadaver de Antonio Granjo, o voluntario da Flandres, o amigo leal, o transmontano sincero na vida e na politica entra agora no cemiterio do Alto de S. João onde o sr. presidente da Republica o aguarda.

OS TEATROS

Reclames

NACIONAL—Vai muito breve ser marcada a data definitiva da inauguração da epoca de inverno, neste elegante teatro, a qual por todos os motivos vai ser das mais brilhantes. A primeira peça a subir á scena, e já em recita de assinatura é o drama historico em verso, de D. João da Camara, *D. Afonso VI*, em cuja interpretação tomam parte muitos dos principais artistas da companhia, á qual pertencem as mais notaveis individualidades que ilustram a scena contemporanea.

D. Afonso VI é apresentado com o maior brilhantismo, com scenarios e guarda roupa novos e verdadeiramente deslumbrantes.

Para a inauguração da temporada já estão á venda os bilhetes.

SALÃO FOZ—A terceira dezena do corrente mês deve ficar assinalada por um grandioso exito teatral, dos mais entusiasticos e brilhantes. Queremos referir-nos á inauguração da epoca de inverno, que será levada a efeito com a «première» da revista *Bichinha gata*, original de Ernesto Rodrigues, João Bastos, Felix Bermudes e Lino Ferreira, a qual servirá para apresentação da esplendida companhia Otelo de Carvalho que dispõe de magnificos elementos para interpretar o genero que se propõe cultivar.

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21—«Marido provisorio».
POLITEAMA—A's 21,30—"A raça".
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
AVENIDA—A's 21—"Flôres da Noite".
EDEN—Fechado.
APOLO—A's 21,15—"Gato por lebre".
COLISEU DOS RECREIOS—A's 20,30 e 22,30—«Tic-Tac».
CHIADO TERRASSE—Fechado.
TEATRO GIL VICENTE—(á Graça)—Aos domingos segundas e quintas feiras—«A Martir».
TEATRO DOS ANJOS—A's 21—Quintas, sabados domingos—«O homem macaco», revista.
SALÃO FOZ—Animatografo e variedades.
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto
SALÃO IDEAL—Animatografo.

Norberto de Araujo

Parte hoje para o Alentejo e Algarve o nosso querido e talentoso camarada de redacção Norberto de Araujo.

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais 515 para registo
Telefone: 1020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

A CIDADE

AS HORAS NEGRAS DA REPUBLICA

"MATEM, QUE MATAM UM BOM REPUBLICANO"

AS ULTIMAS HORAS DE VIDA DE ANTONIO GRANJO

O "DIARIO DE LISBOA" FAZ UMA RECONSTITUIÇÃO DO CRIME, QUE O CAPITÃO SR. CUNHA LEAL, UM DOS HOMENS QUE VIVEU A TRAGEDIA DO ARSENAL, PERFILHA ABSOLUTAMENTE

Eram cerca de trez horas e meia da tarde. Cunha Leal, completamente alheio ao movimento revolucionario, para que tantas vezes o tinham convidado, aguardava no seu modesto segundo andar da avenida Miguel Bombarda, o epilogo dos acontecimentos. Sua esposa fazia anos e esse dia, que contava fosse de festa, de tristeza bem grande se devia tornar. Na sala de jantar, acompanhado de Pinto Lima, Carvalho dos Santos e Julo Peres, o ex-ministro das Finanças analisava friamente a situação, dando balanço ás probabilidades materiais de triunfo dos insurreccionados, e tambem ás suas probabilidades morais. Perto, nas avenidas, andavam revolucionarios em grupos, bloqueando a residencia de Antonio Granjo que, assinada no Carmo a carta em que se demitia de chefe do governo, no lar procurara refugio a paixões politicas.

Subito, um toque de campainha. Toque brando, de sh rdulhdsr shrdlushrdla que brando, de pessoa alheia á casa. Quem seria? Cunha Leal, receando uma surpresa, dirige-se á porta. Abre-a e depara com Antonio Granjo, que se fazia acompanhar de um amigo apelidado Simões, em casa do qual sua mulher já se encontrava refugiada. O chefe do governo em derrota, apresentou-se acabrunhado, abatido. Um abatimento, de resto, em que transparecia um grande desejo de marcar uma atitude digna, alheia a covardias. Palido, no rosto reflectindo-se o cansaço de uma noite de anciedade que valia bem um seculo, o *leader* liberal, na sua voz roufenha, pobre de inflexões, agora mais apagada, falou ao seu antagonista politico. Palavras breves. Palavras em que se adivinhava, ao mesmo tempo, nobreza, resignação, um desejo de salvamento. Vinha fugido a um grupo de marinheiros, civis e soldados da guarda, que tentara assaltar-lhe a casa—explicou. Ele batia agora á porta de Cunha Leal, para pedir o favor de lhe dar guarida até á noite. Tencionava, a coberto da treva, ir juntar-se a sua esposa. Cunha Leal, surpreso nos primeiros momentos, prontamente recobrou a serenidade. Não precisou de consultar a consciencia; o coração falou primeiro. Ele, o homem que semanas antes pretendera bater-se em duelo com Antonio Granjo e que há pouco ainda, a pedido deste, restabelecera relações, respondeu com palavras cheias de franqueza. Declarou-se muito honrado em dar hospitalidade ao chefe do governo demissionario. Não participava da rebelião, mas como nela tinha muitos amigos pessoais, esperava que respeitassem a sua residencia. Parecia-lhe inutil e inconveniente que, á noite, Granjo deixasse esse abrigo. Que ficasse, pois, até que o perigo desaparecesse.

O dialogo fora curto; o perseguido politico daquele momento, agradeceu num gesto em que havia muita ternura e comoção provocada pela nobreza de proceder de um homem que, então, com facilidade empolgaria o movimento insurrecional em marcha rapida para o triunfo.

"... iria para Colares ou qualquer outro arredor, esperar que a trovoada passasse"

Como conseguira Antonio Granjo chegar á residencia de Cunha Leal? As trazeiras da sua casa da rua João Crisostomo, dão para as de um predio contiguo áquele em que vive o antigo deputado popular. Há quatro ordens de quintais, divididos por fracas vedações. A travessia foi facil e passou despercebida. Depois, o presidente do ministerio, receando o ridiculo, despresou a escada de salvação, utilisando a ordinaria, a que dava comunicação um corredor subterraneo. Considerou-se meio salvo...

Antonio Granjo quando entrou na sa-

Cunha Leal

sa de jantar em que estavam reunidos os amigos de Cunha Leal, pretendeu sorrir. A sua perturbação era visivel. Só conseguiu apresentar um arremedo de sorriso. Depois, num grande ar de fadiga, sentou-se. Fixou por momentos os campos visinhos, matizados de verdura, banhados por este sol acariciante de outono. Fez uma pregunta: Então... que há?

Contaram-se cousas. Apresentaram-se as poucas noticias que tinham galgado aquele segundo andar modesto das avenidas novas. Mas a conversa arrefeceu depressa; falava-se a custo. Granjo interrogou, cheio de duvida:—Mas o que é que eles querem?

Carvalho dos Santos, um dos presentes, recordou um boato:—Doutor, mas eles dizem que você tinha ido para Mafra...

—Não. Estive no ministerio...—E contou quanto havia feito durante a noite e a manhã, para reprimir o movimento. Teve uma confissão:—Quando reconheci que estava perdido, verifiquei que já não me era possivel sair de Lisboa. De contrario, embora isso se prestasse á troça, teria ido para Colares ou qualquer outro arredor, esperar que passasse a trovoada. O sr. presidente da Republica, tinha-me dado a demissão...

A conversa prosseguiu, mais animada agora. Foi lembrado um conselho por Cunha Leal, dado ao presidente do ministerio, no sentido de abandonar o poder. E ele, desolado, retorquiu:—Mas é que eu estava convencido de que não havia nada. Todos os oficiais a quem, pela sua hierarquia, tinha o direito de fazer preguntas, me garantiam que estava tudo bem, que não haveria novidade...

Antonio Granjo fumou um cigarro. Bebeu chá. Ao respirar aquele ambiente cheio de tranquilidade, ele mostrava-se mais satisfeito, mantendo conversa franca com os presentes que, pondo de parte diferenças de opinião, procuravam dar uma ilusão de *á vontade*, aquela inteligencia tão rudemente abalada. Mas dahi por minutos, a gravidade da situação patenteou-se novamente. Uma visinha, veiu avisar a esposa de Cunha Leal, de que os quintais estavam cheios de soldados e civis armados e que estes tinham conhecimento de que se encontrava ali o chefe do partido liberal, devido a denuncia de uma porteira do arruamento. Dado conhecimento do facto a Antonio Granjo, o ex-ministro das Finanças recordou novamente as suas afinidades com elementos radicais, manifestando a convicção de que respeitariam a sua residencia. Ele já ali estava á uma hora. Ainda não tinha havido novidade; esperava, pois, que tudo acabasse em bem.

Antonio Granjo, viu-se a breve trecho acompanhado somente por Cunha Leal e Carvalho dos Santos. Pinto de Lima e Julio Peres, chamados á Baixa por afazeres inadiaveis, tiveram de partir.

"Emquanto tiver balas e revolver, resistirei"

O cerco apertava-se. Tanto a avenida como os quintais, estavam cheios de gente armada, que pacientemente esperava a presa. Em frente da casa de jantar, corria uma varanda que deitava para as trazeiras. A' cautela, Granjo recolheu a um compartimento contiguo, aonde está o telefone da rede publica e o da rede do Estado, que serve de sala de fumo. Era tempo. A esposa de Cunha Leal apareceu, alvoroçada, a comunicar que um civil, magro, de estatura mediana, capa de borracha no braço, acompanhado de dois soldados da G. N. R., tinha subido a escada de salvação, estando junto á porta da cosinha. Resoluto, o antigo deputado popular foi-lhes ao encontro. E, num repelão disse:—Esperava que, não sendo revolucionario, nem tendo nada com a revolução, por ter, bastantes amigos entre a vossa gente e a minha consciencia dizer-me que sempre procedi republicanamente, nunca deste movimento resultaria qualquer vexame para a minha pessoa. A bem, em minha casa, só entra um homem com galões; exigirei á Junta Revolucionaria que tenha essa atenção para com a minha pessoa. De contrario, se quaisquer individuos pretenderem entrar aqui, emquanto tiver revolver e balas, resistirei. Vão dizer isso ao *comité*!

Fechou a porta, num gesto de violencia. Mandou cerrar as janelas. Fez ver que estava disposto a vender cara a sua vida e a que á sua guarda se confiara. Os homens confundidos, retiraram-se.

A situação era quasi desesperada. Carvalho dos Santos correu ao telefone oficial e pediu ligação para a presidencia do ministerio, que só obteve depois de insistir muito com o empregado, que declarava precisar de autorisação da Junta Revolucionaria. Por fim, estabelecida a comunicação, falou do Terreiro do Paço o comandante da força insurrecional que ocupara as repartições publicas. Era o capitão Sousa Guerra, com quem se travou o seguinte dialogo, depois de Carvalho dos Santos se dar a conhecer:

—Acontece, senhor capitão, que em volta da casa do Leal, tanto na frente como nos quintais, a pretexto não sei de quê, se estão formando grupos de militares e civis no proposito de a assaltar. Eu não acredito que estas coisas se façam com consentimento da Junta, mas você, Guerra, há de reconhecer que, com consentimento ou sem ele, um ataque desta ordem, feito a uma pessoa como o Cunha Leal, não faz sentido...

—E' claro. O Cunha Leal está ahi? Se está, diga-lhe que chegue ao telefone.

Cunha Leal prosseguiu a conversa, escutada anciosamente por Antonio Granjo:—Pretendem invadir-me a casa, a pretexto de que tenho alguem escondido. Já tentaram uma busca. E' absolutamente necessario que tu passes pelo sitio aonde está a Junta Revolucionaria e tragas o Afonso de Macedo e o Vergilio Costa, até minha casa.

—Vou imediatamente. Procurarei traze-los. Caso não os encontre, irei ahi sosinho.

«Uma festa que você quereria alegre, venho eu transformar num jantar funebre»

A tarde estava a findar; pouco faltava para as seis horas. Cunha Leal, Carvalho dos Santos e Antonio Granjo, tomaram como coisa assente, pelo menos, a vinda do capitão Sousa Guerra. A aparecer Afonso de Macedo ou Vergilio Costa, confessar-se-hia a presença de Granjo e procurar-se-hia resolver a sua situação, com a permanencia dele ali, com o compromisso de não hostilisar a revolução. Quando se falou nisso, o presidente do ministerio demissionario, teve esta frase:—Como é que eu, honestamente, poderei dar ordens ou fazer qualquer coisa?

O tempo corria com uma lentidão desesperadora. Era preciso entreter. Antonio Granjo contou o que havia acerca de Macau, explicando a atitude das potencias. Depois, falou largamente sobre a critica situação do tesouro. Emquanto falava, um dos filhos de Cunha Leal, o Zeca, brincava com ele, cabriolando por entre as pernas. O pai repreendeu-o, motivando as palavras seguintes, que definem um estado de alma:—Deixe o garoto. Neste momento, sinto uma grande necessidade de um pouco de carinho...

Chegou a hora de jantar, Antonio Granjo foi lavar as mãos a um aposento, cuja porta se abre para o corredor da entrada. Uma campainhada. Cunha Leal abriu a rotula e viu um cabo da G. N. R., que lhe disse:—Meu capitão, sou muito seu amigo. Queria evitar-lhe qualquer desgosto. Se o meu capitão quizesse, nós combinavamos a fórma de entregar o sr. dr. Antonio Granjo, sem que ele suspeitasse disso...

—Parece impossivel existir uma criatura que faça uma proposta dessas a um homem de honra. Isso não fica bem a uma criatura que veste uma farda! Isso é uma indignidade!

Antonio Granjo, que apanhara a ultima frase no ar, preguntou, surpreso, a Carvalho dos Santos:—Que indignidade seria aquela?!

O jantar, triste jantar de anos, ia começar. Antes, Agatão Lança preguntou telefonicamente o que havia. Cunha Leal respondeu-lhe:

—Julgam que eu tenho alguem escondido em casa e querem assaltá-lo. Você venha cá, porque, sem vir um oficial com mais galões do que eu, não abro a porta.

—Mas ouça: quer que eu vá já, ou depois de jantar?

—Não. Jante primeiro. Venha depois.

Agatão Lança ficou indeciso, porque Cunha Leal, inteligentemente, não deixara perceber pelo telefone, do que se tratava.

(Vêr continuação na 6.ª pagina)

A RECONSTITUIÇÃO DA MORTE DO DR. ANTONIO GRANJO

A refeição decorreu animada. Contaram-se episodios revolucionarios. Cunha Leal descreveu o assedio de Santarem; Carvalho dos Santos, perseguições do dezembrismo. Antonio Granjo tambem teve que contar. Riu-se, mas as gargalhadas tinham um som de moeda falsa. A certa altura, Cunha Leal, voltando-se para o *leader* liberal, disse-lhe:

—Você sabe? Minha mulher faz hoje anos.

Granjo fez uma venia. Esteve silencioso um segundo. Depois, comentou, confrangido:—Ora veja, Leal. Uma festa que você quereria fosse alegre, venho eu transformar num jantar funebre...

Brindou-se pela esposa de Cunha Leal, por Antonio Granjo e pela Republica. Entretanto, entrava-se na noite. Reparou-se que o capitão Sousa Guerra ainda não chegara, apesar de já terem decorrido duas horas desde que com ele se comunicara telefonicamente. Carvalho dos Santos sugeriu: — Como o Guerra não aparece, eu vou ver se consigo falar com alguem da Junta, para arrumar isto de vez.

O alvitre foi aprovado. Carvalho dos Santos despede-se. Tambem ele é mordido pelo pressentimento das horas sangrentas do Arsenal: — Bem, adeus doutor. Ou até logo ou... sei lá até quando.

"Isto tudo é por ele lá ter o Granjo"

Era já de noite. Fora, Carvalho dos Santos não viu ninguem. Reinava o maior sossego nas ruas vizinhas e até a portaria [illegible] «de que os do cerco já se tinham ido embora». Avenidas abaixo, ainda procurou tomar contacto com qualquer força que policiasse as imediações da residencia do sr. Presidente da Republica. Mas o dr. Antonio José de Almeida estava tambem abandonado e á sua porta não havia sequer uma patrulha a garantir-lhe a vida. Seguiu. Em volta, era tudo uma grande massa negra de trevas; para as bandas da Rotunda, ouviam-se tiros isolados. Ficou indeciso. Chegou a falar ao telefone para Cunha Leal, comunicando-lhe que o perigo era passado, mas depois do dialogo reconsiderou e prosseguiu, sempre na espectativa de uma descarga dada a qualquer esquina, a caminho do arraial dos revolucionarios.

No caminho, apareceu um oficial. Pediu-lhe indicações e lá prosseguiu a marcha, até encontrar a primeira linha de vedetas que, dificilmente e após demoradas negociações, conseguiu forçar. Galgadas as terras do Parque, pouco lhe custou chegar ás primeiras instalações do acampamento. Ali, logrou falar com o capitão Martins, da G. N. R., que não pode providenciar por lhe ser impossivel sair do local. Mas, dando-lhe um soldado por guia, mandou-o para o quartel das metralhadoras, onde funcionava a Junta. O capitão Loureiro, que dela fazia parte, atendeu-o. Homem cheio de rudeza, objectou logo ás primeiras palavras de Carvalho dos Santos: — Está bem. Você tem razão. Mas isso tudo é por ele lá ter o Granjo. As tropas ainda nós aguentamos, mas os civis é o diabo! O melhor seria o Granjo concordar em vir para aqui, por exemplo, passando-se depois a busca á casa de Cunha Leal.

— Sim, mas isso é na hipotese de lá estar o dr. Antonio Granjo. Mas é que não está. O Leal até desejava que fosse lá alguem da Junta...

— Pois bem. Irei eu.

O capitão Loureiro desapareceu para só reaparecer daí a três quartos de hora. Não teve uma palavra para Carvalho dos Santos. Dirigiu-se para um automovel e só quando este já estava em andamento, é que o chamou: — Olhe, venha atraz de mim.

Carvalho dos Santos teve de correr um bom bocado para agarrar o auto. Quando chegaram á porta de Cunha Leal, havia um outro em que se encontravam Agatão Lança, Afonso de Macedo e Jacinto Simões.

— O' Lança, que é isto?

E o bravo oficial de marinha, que só ao fim de imensos trabalhos conseguira arranjar um meio de transporte, respondeu laconicamente: — Já levaram o Granjo e o Leal para baixo, num *camion*.

"Ainda bem, que é para lhe recusar a mão pela segunda vez"

Que sucedera? Pouco depois de sair Carvalho dos Santos, o guarda-portão do predio, um homem chamado Costa, subiu a escada de serviço e veiu dizer a Cunha Leal: — O guarda da casa do sr. dr. Antonio Granjo manda dizer que nas trazeiras não há, agora, ninguem. Talvez a ocasião fosse boa para tentarmos passar o sr. presidente para qualquer outra casa.

—Desconfio disso — respondeu aquele parlamentar — andam obras na vizinhança e podem estar metidos nalgum esconderijo. Você vai pôr-se em observação. Se não notar, de facto, movimento nestas duas ou três horas mais proximas, venha dizê-lo.

E já, dentro de casa, disse para Antonio Granjo: — Eu dei esta resposta, por que desconfio de tanta fartura.

De facto, no dia imediato, o porteiro contou a Cunha Leal que, mal descerá a escada, vira num quintal proximo um individuo acocorado, com a espingarda pronta a fazer fogo.

Eram oito e três quartos. Apresentou-se um guarda-marinha chamado Benjamin Pereira, que poucos dias antes procurara Cunha Leal, a fim de obter a intercessão de Antonio Granjo junto do ministro da Marinha, a fim de terminarem as perseguições de que dizia ser vitima na corporação. Introduzido na sala de visitas, ele apresentou os intuitos da sua vinda da forma seguinte: Estando junto do major da G. N. R., Arez, e do capitão Sousa Guerra, ouvira pedir licença para assaltarem a casa de Cunha Leal e para matar o Granjo. Invocava, pois, a sua amisade pelo antigo deputado popular e a circunstancia do favor pedido ao presidente do ministerio, para explicar a sua presença ali. Estava na intenção de evitar qualquer desacato de que resultasse a morte do *leader* liberal e vinha propôr que o deixassem sair com ele, pois a sua honra responderia pela conservação dessa vida. Iria Antonio Granjo para bordo do *Vasco da Gama*, onde permaneceria alguns dias, mas nunca na situação de preso.

O capitão Cunha Leal respondeu, pouco mais ou menos, da maneira seguinte: — Eu acredito na palavra de honra de toda a gente. Mas não quero que Antonio Granjo possa supôr que o conselho que eu lhe dê de seguir as indicações de Benjamin signifique o desejo de o pôr fora de casa, livrando-me assim de um hospede incomodo. Portanto, exijo de você que me deixe acompanhar o presidente do ministerio, sujeitando-me a tudo por que ele passar. E, se o Benjamin, depois de prometer que nunca me separará de Antonio Granjo, faltar á sua palavra, obrigar-me-há a queimar os miolos com uma bala.

Benjamin Pereira mostrou-se conforme com quanto ouvira. Cunha Leal foi, sózinho, informar Antonio Granjo do que se passava, pedindo-lhe este que não o acompanhasse. Durante a ausencia do seu hospedeiro, dissera para uma irmã, que nesse dia estava em casa: — Se ao menos me deixassem ficar aqui preso em casa do Leal...

Apresentado o guarda-marinha ao chefe do governo demissionario e sendo-lhe oferecido uma chavena de chá e um calice de licor, que não aceitou, aquele preguntou-lhe: — Há alguem a bordo do *Vasco da Gama* que me conheça?

Benjamin Pereira citou alguns nomes, entre eles o de Procopio de Freitas, observando logo Cunha Leal: — Ainda bem, que é para lhe recusar a mão pela segunda vez.

"O' rapaziada! Fura-se o "gajo" já aqui!"

Era caso assente a partida de Antonio Granjo e Cunha Leal para bordo do *Vasco da Gama*.

—Não será conveniente levarmos os sobretudos? — lembrou este ultimo.

Ao que Benjamin Pereira objectou: — Não é preciso. Lá a bordo há camas muito fofas e até *edredons*.

—E livros? Não quere levar alguns, doutor?

—Tambem não é preciso. No *Vasco da Gama* há uma boa biblioteca.

Sairam. No corredor, Granjo, depois de pedir licença a Cunha Leal, ofereceu ao Zeca, o filho mais velho, uma nota de um escudo, metida numa caixinha de madeira que servira a cigarros. A' porta, entregou a pistola ao guarda-marinha. Cunha Leal teimou em continuar com a sua e conseguiu-o. Um marinheiro que estava no patamar objectou, num grande tom de sinceridade: — Não, sr. Leal, não é preciso. Nós não somos nenhuns bandoleiros.

Entretanto, uma vizinha que estava á janela e que foi mandada retirar para dentro, sob a ameaça de ser alvejada a tiro, ouviu gritar do *camion* em que, á porta, aguardavam os prisioneiros: — O' rapaziada! Fura-se o *gajo* já aqui?!

Antonio Granjo e Cunha Leal sentaram-se ao lado do *chauffeur*. Em pé e ao lado seguiu Benjamin Pereira. Atraz, no vazio do carro, cêrca de uma dezena de marinheiros. O guarda-marinha avisou: — Vamos para o Arsenal pelos sitios mais escusos e onde não se vejam grupos.

E ao partir: — Por aí não, que há gente escondida nessas casas em construção.

O carro, mudando de rumo, seguiu. Qual o trajecto? E' dificil reconstituí-lo. Quem nos forneceu estes sensacionais informes disse-nos que talvez o *camion* tivesse passado ao Rato, rua da Escola Politecnica, Patriarcal, largo de S. Roque, Chiado e rua Nova do Almada. O que é certo, o que é absolutamente verdade, é que, num dado momento, passou em frente do portão do Arsenal. Admirado, Cunha Leal reparou que seguiam em direcção ao Terreiro do Paço. Pensou: talvez nos queiram desviar do Arsenal de Marinha, embarcando-nos na ponte do Sul e Sueste. Mas não. Benjamim Pereira, conduziu os seus prisioneiros para os lados do Arsenal.

Ouviram-se gritos: *Cá vae preso o homem, cá vai preso o malandro*. A vozearia ia num crescendo assustador. Pediam, raivosamente, numa ansia de sangue: — *mata-se, mata-se já*. Cunha Leal, de pé, escudando com o seu corpo Antonio Granjo, invectivou a turba. Energicamente disse que nem ele nem o presidente do ministerio tinham medo das balas deles, uma vez que já tinham sentido as balas dos alemães. Era covarde e vil tal procedimento. E só essa atitude audaciosa do revolucionario de Santarem conseguiu fazer baixar as carabinas erguidas.

O *camion*, depois de ter chegado até ao Ministerio do Comercio, retrocedeu, seguindo desta vez para o Arsenal. Ali entraram sem novidade. Cunha Leal e Antonio Granjo apearam-se junto ao pavilhão que se ergue á esquerda de quem entra naquele estabelecimento do Estado. A' porta estavam varios oficiais. Que lembre ao nosso informador, os srs. Falcão, Camara Leme, Carvalho Crato e Madeira, este ultimo vestido á paisana.

Eram nove horas e meia da noite. A sala de ordens, constituida pelo rez-do-chão do pavilhão, estava perfeitamente iluminada. No largo, onde tambem não faltava luz, havia alguns civis armados de carabinas e pistolas, soldados da G. N. R. e marinheiros. Nessa altura, pessoas conhecidas e outras desconhecidas rodearam Cunha Leal, levando-o á força para o largo que enfrenta á secção do edificio em que funciona a direcção das construções navais. Há quem o censure por ter dado hospitalidade ao *malandro do Granjo*, lembrando que, por esse andar, qualquer dia filiar-se-hia no partido liberal. E ele, então, num grande sentimento de orgulho, ainda tem coragem para lhes gritar que tinha efectivamente dado hospitalidade ao presidente do ministerio demissionario, que era um homem honrado que o honrava com a utilização da sua casa!...

"Tenham cuidado com a entrada no "Vasco da Gama"..."

O grupo que rodeia Cunha Leal engrossa rapidamente. Pretendem afastá-lo. Ele resiste, invectivando, lançando áquela gente os peores insultos. Descobre Benjamin Pereira entre a multidão e grita-lhe: — Eu saí de casa com a sua palavra de honra em como me não separaria de Antonio Granjo. Reclamo o cumprimento dessa promessa!

A turba, enraivecida, reclama a prisão de Cunha Leal. Mas ele nada receia. Continua a insistir, a insistir sempre, arrancando, por fim, ao guarda-marinha, a garantia «de que iriam ambos presos para bordo».

— Presos? Mas não foi isso o que combinámos. Eu e o Granjo vimos passar apenas uma noite no rio!

A confusão aumenta. Cunha Leal continua a reclamar que seja levado para junto do presidente do ministerio. Há uma altura em que um marinheiro, a coberto da gritaria que se ouve em todos os cantos do Arsenal, lhe segreda ao ouvido, muito baixinho, numa aflição que dificilmente disfarça: — Tenham cuidado com a entrada no *Vasco da Gama*.

Por fim, Benjamin Pereira conduz Cunha Leal para um rebocador que estava ao fim da ponte grande, dizendo-lhe que esperasse ali por ele, que ia buscar Antonio Granjo. Seguiriam depois, imediatamente, para o navio-chefe.

—Vá buscar já o Granjo. Se não aparece já com ele, obriga-me ou a queimar os miolos, ou a lançar-me ao mar.

O homem, que tantos debates parlamentares tem celebrizado, ficou só. Um sargento vai ter com ele e a conversa estabelece-se. O oficial inferior lamenta a frequencia dos movimentos insurreccionais, que tanto perturbam a vida do paiz e a da corporação de que faz parte. Um dos marinheiros do gazolina oferece-se a Cunha Leal para ir, secretamente, todos os dias, ao *Vasco da Gama*, a fim de trazer quaisquer recados. Subito, uma sentinela que há minutos já observava o grupo do alto da ponte, pregunta com rudeza, desrespeitosamente, ao sargento: — Quem é esse malandro que está aí?

—Não sei; não sou policia! — responde este, escapulindo-se. O marujo, então, ajoelha e, ao mesmo tempo que dispara a arma, exclama raivosamente:

—Não és policia? Então, aí vai para ti e para ele.

O homem continua a disparar a arma e a preguntar a Cunha Leal a identidade. Este, que se abrigara com a amura do barco, aproveita uma curta interrupção do tiroteio para responder, inquebrantavel sempre: — Sou um parvo chamado Cunha Leal, que tem tido a desgraça de andar metido com vocês!...

—Ah! Bem sei. E's o patife do ex-ministro das Finanças!

E, sempre ajoelhado, continuou a fazer fogo. Cunha Leal, que o segundo tiro ferira na garganta, ajoelha, reduzindo a superficie do alvo. Só quando a sentinela cessou fogo, se ergueu, exclamando:

—Já deves estar satisfeito...

E, acompanhado por dois marinheiros que apareceram no local, subiu a escada da ponte para ir ao posto de socorros. Tinha o peito inundado de sangue e ignorava-se a gravidade dos ferimentos. Quando passou ao pé do seu agressor, este quiz disparar de novo. Os camaradas impediram-no. Mas ele impoz, carabina sempre apontada, que Cunha Leal regressasse ao barco. Não se podia dominar o energumeno e o ferido voltou á sua anterior situação. Só então se resolveu a refugiar numa das camaras. Decorridos uns dez minutos, apareceu um marujo com uma vela acesa, que, depois de lhe observar os ferimentos, comentou: — Já lá tem uma boa conta!

Cunha Leal e Antonio Granjo trocam as ultimas palavras

Decorreram mais uns cinco minutos. Cunha Leal consegue abandonar o gazolina. Emquanto lamentavam a ocorrencia, há marinheiros que erguem as carabinas, na intenção de liquidarem o defensor de Antonio Granjo. Mas esse gesto de violencia não vai até á efectivação, provocando a Cunha Leal uma apreciação em que há muito desanimo e muita repulsa por tudo quanto o rodeia: — A minha vida de pouco vale...

Ao que Benjamin Pereira acorre, pressuroso, a rectificar: — E' sagrada!

Os primeiros socorros são rapidos. Cunha Leal, mal aplicados os pensos aos dois ferimentos da garganta e ao do peito, volta a preocupar-se com o homem que se confiara á sua guarda: — Onde está Antonio Granjo?

Há quem dê uma boa noticia: — O doutor está entregue á guarda do sr. Carvalho Crato.

Já tinham dado as dez horas da noite há cêrca de vinte minutos. Pretendem fazer sair Cunha Leal num automovel e ele deixa-se conduzir, convencido de que a vida de Antonio Granjo já não corre perigo. Está palido, extenuado pelas emoções violentas recebidas durante o dia e a noite. A perda de sangue é importante. Chegou a sentar-se no carro, com um sargento á esquerda e um enfermeiro á direita. A' frente, acocorados, dois marinheiros armados de espingarda. Quando passaram o portão, preguntaram:—Quem vai aí?

—E' o senhor Cunha Leal.

Alguem completou: — O ex-ministro das Finanças...

Ergueram-se imediatamente vozes, em protesto. Há gente que quere mais sangue e que define esse desejo nestas palavras cheias de crueza: — Mata-se! Para que há de sair?...

Cunha Leal vê novamente armas apontadas ao seu peito rijo de lutador. Emquanto os seus companheiros se evadem, o *chauffeur* lamenta-se: — Que mal teria eu feito para andar metido nisto?! O ferido, pretendendo evitar que, por sua causa, alguem perdesse a vida, salta ao chão e volta a entrar no Arsenal. A gente que se comprime no tunel que lhe dá

(Vêr continuação na 7.ª pagina)

A RECONSTITUIÇÃO DA MORTE DO DR. ANTONIO GRANJO

ingresso abaixa as armas, que momentos antes erguera na disposição implacavel de matar. E' singularmente prestigiosa a figura daquele homem que, o peito coberto de pensos, o fato transformado numa mancha de sangue, perante ameaças de morte, continua a manter a serenidade.

Como que num sonho, é levado até ao quarto n.º 3 do pavilhão dos oficiais de dia. Antonio Granjo, sentado numa das camas, a cabeça entre as mãos, medita. Ao ver Cunha Leal, o colarinho e a gravata cheios de sangue na mão, com o pescoço a gotejar ainda, exclama contristado: — O' Leal! Por minha causa... Coitado!

—Não pense nisso! Não me magôe com essas palavras.

Aparece gente. Há qualquer coisa de estranho naquilo tudo. Cunha Leal ignora ainda como foi arrancado de ao pé de Antonio Granjo.

"Guarda-marinha, se me não deixa entrar, insulto-o á frente dos marinheiros!"

A Junta Revolucionaria, na pessoa do capitão Loureiro, resolveu-se a intervir, como acima dizemos, no sentido de salvar a vida de Antonio Granjo. Deixámos Carvalho dos Santos na companhia daquele delegado á porta de Cunha Leal. Ali, num automovel, estavam Agatão Lança, Jacinto Simões e Afonso de Macedo. Ao saberem do que se tratava, seguiram imediatamente para a baixa. A travessia da cidade não se fez sem perigo, pois no Rossio a fusilaria era intensa. A custo, o carro chegou ao Arsenal. Ali, um guarda-marinha, secundado por muitos marinheiros, soldados da G. N. R. e alguns civis, não queria deixar entrar o bravo tenente Agatão Lança, os delegados da Junta e Carvalho dos Santos, a despeito de o primeiro declinar a sua identidade. Agatão Lança insiste, mas o guarda-marinha mantém a sua recusa. Então, exasperado, grita-lhe: — Guarda marinha! Se me não deixa entrar, insulto-o á frente dos marinheiros! — e voltando-se para eles: — Sou o tenente Agatão Lança!

Os marinheiros lançam-se aos aspirantes e soldados da G. N. R. e rasgam alas. Agatão Lança entra, seguido dos seus companheiros. Ao chegarem ao largo, depararam com um estranho espectaculo: Cunha Leal, em meio de um numeroso grupo de soldados e marinheiros, invectivava-os. Gritava-lhes: — Os senhores têm o direito de ser assassinos, mas não o de se dizerem republicanos. Matem, se quizerem, mas não vexem!

Era precisa uma resolução. Agatão Lança, ousadamente, fala áquela gente. Recorda o seu amor aos marinheiros e a dedicação que eles sempre lhe demonstraram. Se eles não souberem respeitar republicanos como Antonio Granjo e Cunha Leal, terá de abandonar a sua farda de oficial da marinha.

Os marinheiros bradam, em arrependimento: — O' capitão! Foi por engano! Foi por engano!

Mas nem todos mostraram igual convencimento. Há um soldado, ou um paisano, que aponta a espingarda ao craneo de Cunha Leal. Agatão Lança consegue evitar o crime. Baixa a arma e ordena que seja capturado o criminoso. Depois, procura fazer sair o ferido, a fim de o levar ao hospital. Os pensos desarranjaram-se e as feridas gotejam sangue novamente.

Ouve-se uma voz: — Vai até ao portão, mas ali é morto!

No entanto, Cunha Leal consegue sair. Os amigos, Carvalho dos Santos, Agatão Lança, Augusto Gomes, Jacinto Simões e Afonso de Macedo, fazem uma barragem e levantam aclamações ao antigo deputado popular. Os marinheiros, sugestionados pelo discurso do seu prestigioso oficial, secundam as aclamações com entusiasmo e dão palmas.

Já no hospital, Agatão Lança, para sossegar Cunha Leal, garantiu-lhe que seguia imediatamente ao Arsenal, a fim de velar por Antonio Granjo. Ao mesmo tempo, recomenda que não deixem sair o enfermo sem que ele regresse. Acompanhado de Jacinto Simões, volta ao Arsenal e, quando procurava averiguar o paradeiro do presidente do ministerio, um paisano, sarcasticamente, dá-lhe a terrivel nova: — Um conseguiu o senhor salvar; o outro, já não salva.

Agatão Lança, desvairado, corre á sala dos oficiais. Os rostos, que reflectem a maior consternação, dizem tudo. O destemido tenente interroga: — Então, que há?

A resposta é sinistramente seca:—Mataram-no!

Agatão Lança tem um ultimo gesto. Brada-lhes: — Os senhores poderão ser bons republicanos, mas são assassinos! Eu, Cunha Leal e Antonio Granjo, poderemos ser maus republicanos, mas somos homens honrados!

"Venham ver a côr do sangue do porco"

Antonio Granjo fôra conduzido ao pavilhão onde estão as instalações do oficial de dia e onde funciona a 3.ª repartição de marinha. As trazeiras deitam para o edificio da Majoria General da Armada. Não há ali evasão possivel. Entre as duas construções existe um corredor fechado por grades, que não se arrombariam facilmente, e que deita para a pequena doca designada por *Caldeirinha*. O pavilhão, uma modesta construção em tijolo, tem um andar apenas. Um lanço de escada dá-lhe acesso. Depois, há um patamar, mais três degraus e um corredor grande que serve os aposentos aonde funciona a 3.ª repartição. De fóra vê-se a sala de jantar do oficial de serviço, contigua ao celebre quarto n.º 3, separada do patamar por uma balaustrada em ferro fundido.

Antonio Granjo subiu sosinho. A' porta ficaram os oficiais, na intenção de impedir que alguem subisse. Uma vez lá em cima começou a passear no corredor, cabeça baixa, mãos nos bolsos. Um criado, apiedado, avisou-o:—O senhor doutor não está ahi bem...

O presidente do ministerio aceitou a indicação e refugiou-se na sala de jantar. Mas de fóra, podiam-no vêr. O criado, solicito, preveniu novamente:—Tambem não está ahi bem, doutor.

—Então, onde?

—Aqui—e conduziu-o ao quarto n.º 3, um quarto modesto, com duas mesas e uma secretaria simples. Antonio Granjo, fatigado, sentou-se numa delas. A sua fadiga era visivel. Palido, o olhar incerto, viveu ali os ultimos minutos de vida. A certa altura há um começo de invasão. Aparece Cunha Leal e trocam-se as palavras que registamos acima. Mas sai tudo, restabelece-se novamente a tranquilidade, quebrada apenas pelos rumores de fóra.

Há vozearia. Aproxima-se um grupo e pregunta aos oficiais amontoados á porta:—Está ahi o malandro do Granjo?

—Não, não está:—e a negativa é dada com uma insistencia tal, que vale bem como uma afirmação.

—Mas nós é que queremos ir ver.

—Não, não vão—ainda bradam.

Mas eles sobem em tropel.

—Onde está? Onde está?

O quarto n.º 3 é contiguo á sala de jantar. Antonio Granjo é descoberto rapidamente.

—Ah! estavas ahi?! Salta cá para fora...

—Supunhas que escapavas?!...

Desvairado, e tendo a morte como certa, Antonio Granjo saltou para o corredor.

A um canto, o criado observa tudo, apavorado. Do grupo, que deixou bastante gente a tapar a entrada, berram:—Desce esses degraus!

O chefe do governo vencido, mantem até ao fim a coragem que o abatimento não excluiu. Salta os três degraus e, então, lança as suas ultimas palavras, em que há odio e resignação: Ja sei o que vocês querem! Matem-me, que matam um bom republicano!

Soou uma descarga; de baixo corresponderam. Antonio Granjo caiu ao comprido, vertendo sangue por inumeros ferimentos. Estava ainda nas ultimas convulsões, quando um dos assassinos que, no dizer de testemunha ocular, é um clarim da G. N. R., de desmedida estatura, sacou da espada e a cravou no estomago com violencia tal que, atravessando o corpo, ficou presa ao sobrado. Depois, friamente, o facinora, pondo o pé sobre o peito de Antonio Granjo, sacou a arma e gritou triunfalmente, mostrando-a aos companheiros:

—Venham ver de que côr é o sangue do porco!

O sangue, conforme quem escreve estas linhas teve ensejo de verificar, manchou a parede até mais de metro e meio de altura. No sobrado, ainda se vê a fenda aberta pela espada do clarim. A' esquerda de quem sobe a escada, há na parede duas brechas. No outro pedaço de parede, que forma o angulo, há mais quatro brechas, outras quatro de carabina da armada, e duas de pistola. Certamente o juiz encarregado da instrução do processo, não esquecerá estes importantes detalhes.

Homens fortes que choram

Agatão Lança, conforme prometera, voltou ao hospital. Cunha Leal, anciosamente, preguntou-lhe:—Então?

Respondeu-lhe com um gesto de duvida, como se tudo corresse bem. Sairam. Já no automovel, Agatão Lança, o bravo combatente do Rato e de Mirandela, deixando cair a cabeça sobre as mãos, chora silenciosamente.

Cunha Leal, numa revelação, as palavras já embargadas pelas lagrimas:—Mataram o Granjo!

—Infelizmente!

E coube então ao combatente da Flandres e de Santarem, a sua vez de chorar como uma criança, o homem que atravez de tudo procurára salvar.— S. P.

NOTA IMPORTANTE: Nessa mesma noite, os ex-deputados populares Afonso de Macedo e Vergilio Costa, estiveram na residencia de Cunha Leal. Garantiram-lhe que o capitão Sousa Guerra de nada os avisara.

NO ESTRANGEIRO

Um discurso de Harding

Os Estados Unidos não deverão entrar em qualquer aliança militar

NEW YORK, 23.—O presidente Harding, discursando em Yorktown, referiu-se á amizade existente entre a Inglaterra e os Estados-Unidos e disse confiar em que estas duas nações jámais entrarão em conflito. Referiu-se tambem ao auxilio prestado pela França aos Estados Unidos ha um seculo e ao pagamento desta divida pela nação americana no momento doloroso da grande guerra. Disse mais que era de opinião que os Estados Unidos não deveriam entrar em qualquer aliança militar e que esperava obter na conferencia de Washington uma cooperação leal de todos os paises, de forma a evitar a formação de tais alianças prejudiciais para a paz do mundo.—(R.)

As relações anglo-russas

A Russia está longe de ser o mercado excelente que se supõe

LONDRES, 23

Tem sido muito comentado nos meios comerciais a declaração feita pelo sr. Lloyd George ácêrca das relações economicas anglo-russas. O primeiro ministro inglês disse que desde Janeiro a 31 de Agosto tinham sido feitos negocios com a delegação russa na importancia de 3.150.000 libras esterlinas, notando-se uma tendencia para aumento. Estes resultados, que são, contudo, pouco satisfatorios, mostram bem aos optimistas que a Russia está longe de ser o mercado excelente que supunham.—(R.)

Coronel Botelho de Vasconcelos

Faleceu de madrugada no hospital de S. José

Durante a madrugada de hoje faleceu no hospital de S. José o coronel sr. Botelho de Vasconcelos, agredido a tiro no Arsenal da Marinha por ocasião dos ultimos acontecimentos.

Num desastre de "side-car"

ficou ferido o general Cabanellas

MELILLA, 24

Voltou-se um «side-car» em que ia o general Cabanellas, entre Seganga e Nador. O general ficou ligeiramente ferido.—(R.)

O problema dos desempregados

Um projecto de lei destinado a beneficiá-los

LONDRES, 23

O dr. Macnamara, ministro do trabalho, apresentou na Camara dos Comuns um projecto de lei para ocorrer temporariamente ás despesas feitas com o pagamento de subvenções aos desempregados. A totalidade das subvenções representa um grande encargo para o orçamento inglês.—(R.).

No ultimo eclipse lunar

produziram-se fenomenos que causaram a admiração dos astronomos

LONDRES, 24

O ultimo eclipse lunar revelou fenomenos surpreendentes. Se se não comprovou a existencia de selonitas, nem a existencia neste astro de vida vegetal, observou-se, comtudo, que a lua se afastou da sua orbita e que aumentou a velocidade do seu movimento de translação, deixando os astronomos absolutamente perplexos diante destes fenomenos, que veem derrogar todas as teorias até hoje admitidas como imutaveis.—(R.)

DR. ARMANDO NARCISO
Clinica medica
Travessa Nova de S. Domingos, 9 (á Rua do Amparo)

Companhia de navegação
LLOYD BRAZILEIRO
Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa
Para carga e passageiros trata-se com os agentes
PINTO & SOTTO MAIOR
Rua do Ouro, 24
Telefone n.º 1227 C. LISBOA

INSTALAÇÕES
E REPARAÇÕES
DE CAMPAINHAS, TELEFONES, LUZ ELECTRICA, PÁRA-RAIOS
Casa PALISSY GALVANI
RUA SERPA PINTO, 89 E 91
LISBOA
Telefone 641

ULTIMAS NOTICIAS

Notas sobre o movimento

Edital

Ernest o Maria Vieira da Rocha, coronel, comandante geral da Guarda Nacional Republi ana e comandante militar de Lisboa e concelhos limitrofes, faço saber:

1.º Que todos os cidadãos devem recolher a sua casa á 1 hora.

2.º Que a partir da 1 hora não é permitido o transito de trens nem automoveis sem salvo conduto.

3.º Que podem desde já funcionar todas as casas de espectaculos, que deverão encerrar as suas portas até ás 24 horas, bem como os cafés e restaurantes.

4.º Que a partir das mesmas horas não são permitidos agrupamentos, devendo as forças encarregadas da manutenção da ordem fazê-los dispersar por todos os meios, caso os suasorios não sejam acatados.

Comando Geral no Carmo, Lisboa, 24 de Outubro de 1921.—O comandante militar, *Ernesto Maria Vieira da Rocha*, coronel.

Impressões colhidas no governo civil

No governo civil nada se tem passado de anormal. O sr. dr. Paiva Lereno está dirigindo as investigações ácerca dos atentados de que foram vitimas os srs. dr. Antonio Granjo, Machado Santos, Carlos da Maia, Freitas e Silva e outros, sendo ouvidas varias pessoas que teem conhecimento dos factos ocorridos.

Tambem na G. N. R. se está procedendo a varias investigações sobre os atentados.

Não tem fundamento a noticia, publicada por um jornal da manhã, de ter sido preso o »chauffeur» da «moto» que conduzia os redactores da «Imprensa da Manhã» na noite em que foi morto o almirante Machado Santos.

Este «chauffeur» é testemunha importante naquele tragico acontecimento, tendo já sido ouvido sobre o caso.

O habil agente Rousado, da P. S. E., prendeu Albino da Cruz, chefe de secção da Companhia do Gaz, por estar fazendo a apologia da morte do almirante Machado Santos.

Chefe de gabinete que não aceita o encargo

O sr. dr. João dos Santos Monteiro, sub-director geral das Colonias do Oriente, logo que teve conhecimento da sua nomeação para chefe do gabinete do sr. ministro das Colonias, declinou imediatamente o convite por carta dirigida ao sr. Carvalho Crato.

Mais um oficial que pede a demissão

Por motivo dos ultimos acontecimentos, requereu para ser afastado da armada o segundo tenente medico sr. Mario Garcia da Silva, que em França prestou serviços e foi condecorado com a Cruz de Guerra.

O governo procura um entendimento com o Partido Republicano Português

O governo enviou um emissario ao directorio do P. R. P. pedindo-lhe apoio para a completa constituição do gabinete.

Realizou-se uma conferencia e dela resultou a nota hoje publicada nos jornais da manhã.

Mais ainda: julgamos saber que aquele organismo politico afirmou estar disposto a intervir constitucionalmente na actual situação, desde que a Junta Revolucionaria declare publicamente que o P. R. P. não teve, nem sequer indirectamente qualquer interferencia no movimento revolucionario.

Tolerancia de ponto

Houve hoje tolerancia de ponto em todos os ministerios, a fim dos empregados poderem encorporar-se no funeral do dr. Granjo. Por aquele motivo esteve paralizado o serviço nas repartições e o sr. ministro da instrução adiou para ámanhã, pelas 13 horas, a recepção dos cumprimentos e apresentação dos funcionarios do seu ministerio.

Um protesto da Confederação Patronal

A Confederação Patronal Portuguesa, que desde o inicio do movimento revolucionario acompanhou todo o seu seguimento de modo a conseguir evitar, dentro da sua acção, qualquer atentado contra o vida ou propriedade dos cidadãos, e conservando-se sempre alheia, por principio, a qualquer manifestação de politica partidaria, reunida extraordinariamente para apreciar os ultimos acontecimentos, resolveu lavrar o seu mais veemente protesto contra os atentados que se praticaram, continuando a contribuir para que a ordem se mantenha como principio indispensavel.

O FUNERAL DO SR. DR. ANTONIO GRANJO

Eram 13 horas quando o feretro deu entrada no cemiterio, sendo ali aguardado por centenas de pessoas, que a policia, a custo, mantinha a distancia.

Chegado á rua numero 19, onde se encontra o jazigo do sr. Presidente da Republica, iniciou os discursos o sr. Vicente Ferreira, ex-ministro das Finanças, que depois de fazer, comovidamente, o elogio do finado e enaltecer os seus serviços á Patria e á Republica, convidou a assistencia a apontar uma razão, um motivo que explicasse o crime de que foi vitima Antonio Granjo.

Os srs. Jaime Cortezão, pela «Seara Nova»; Sá Cardoso, pelo partido reconstituinte; Cunha Leal, que aproveitou o logar para se despedir do povo republicano, pois vai ausentar-se de Lisboa; João Camoezas, em nome do Directorio do P. R. P., que disse: tendo regressado na penultima semana de Africa, falou dias depois com Granjo. Deste homem ouviu palavras amigas e as afirmações mais republicanas.

O ex-presidente do ministerio pedira-lhe para transmitir ao alto corpo dirigente do seu partido para estudar a maneira de dissolver o Parlamento e preparar-se para ser governo, visto que o partido liberal não tendo sabido fazer as eleições, tinha já mostrado não ter tacto politico. Manifesta-se contrario ao ultimo movimento e lembra a necessidade de todos os republicanos se unirem, para que o paiz possa entrar na normalidade.

Agatão Lança, José Catarino, Prestes Salgueiro, Ribeiro de Carvalho, pelo partido liberal, dr. Frederico Igreja, Judice Bicker, Americo de Oliveira, Joaquim Lança, pela Associação Comercial de Setubal, dr. Lopes de Oliveira, um representante da Associação Protetora dos Animais e por fim o vereador Joaquim Domingues, pela Camara Municipal de Lisboa.

Eram 15,30 horas quando a urna deu entrada no jazigo.

Em seguida todos os assistentes dispersaram sem que se registasse nenhuma nota discordante.

O novo ministro da agricultura

O novo ministro do agricultura, sr. dr. Antão de Carvalho, é esperado esta noite, no rapido do Porto.

A posse do ministro das colonias

A' hora de fecharmos o nosso jornal sabemos que está a tomar posse de ministro das colonias o sr. Maia Pinto.

Mais um cruzador inglês no Tejo

Entrou hoje no Tejo o cruzador inglês «Carysport». Os comandantes de todos os navios estrangeiros surtos no nosso porto cumprimentaram o seu ministro e demais autoridades de marinha, cumprimentos que já foram retribuidos.

Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá, chocolate e torradas
Rua 1.º de Dezembro

LISBOA
Hotel Internacional
O melhor tratamento
O menor preço
BANHOS
Almoços e Jantares
O Hotel Internacional tem automovel á chegada dos comboios e vapores.
TELEGRAMAS HOK
Sociedade Luzitana dos Hoteis, L.da
Gerente: LINO MARTINS COELHO
ROCIO — ESQUINA DA RUA AUGUSTA

Pinto & Sotto Mayor
BANQUEIROS
LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24
PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Operações financeiras — Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

MAGAZINE

O calor

Não há duvida de que as chuvas não fizeram baixar a temperatura; raras vezes é possivel sair no mês de outubro com um fato leve sem correr o risco de apanhar uma constipação. Isto, é claro, depois que as chuvas deixaram de nos visitar, pois se é certo que então não fazia frio, não é menos verdade que as raras senhoras que tinham de andar pela rua se guardavam bem de vir com fatos transparentes...

Em França, onde a temperatura se tem conservado alta como nos dias de verão, 33º, as estancias de vilegiaturas continuam cheias de gente; Paris, deserto, e as viagens do sabado á segunda-feira, continuam.

Nas festas elegantes não apareceram ainda nenhuns sinais do outono, excepto nos chapeus, que são de veludo e feltro, e nas raposas com que cobrem os fatos de gaze. Qualquer destas coisas não é bem um prenuncio de frio, pois está de há muito entendido que chapeus de veludo e peles são grandes protectores contra o calor. Assim o tem declarado a moda há alguns anos e a moda é sempre sensata.

Os alfaiates e as modistas não têm nada encomendado para o outono nem inverno e os vendedores de chapeus de chuva correm o risco de terem de fechar as portas.

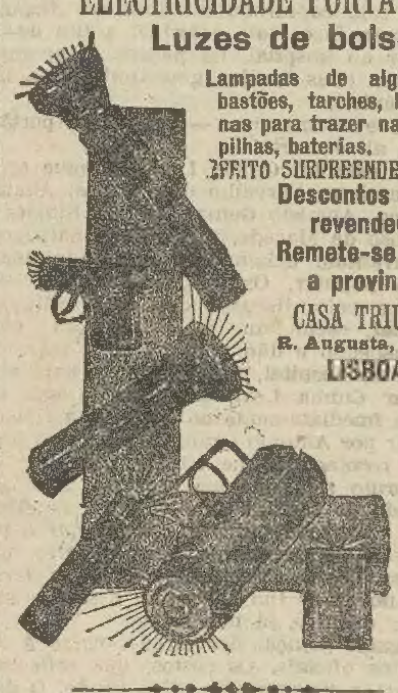
Mas onde mais se manifesta a acção do calor e da seca prolongada, sobre o espirito das criaturas, é nos oculistas. Têm vendido inumeros oculos de côr, barometros e termometros. Os clientes e as clientes desolam-se se lhes não podem concertar os registadores de temperatura e pressões por um sistema milagroso de velocidade.

Dizia um oculista:

—Parece-me que a maior obra do tempo que corre é ter feito apanhar a muita gente a mania de olhar constantemente para uma coluna de mercurio.

S.I.C.
Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops
Pedir sempre os chocolates
S. I. C.

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!
Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72, 74
LISBOA



O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.